

Nilismo e cristianismo no pensamento enfraquecido de Gianni Vattimo

Nihilism and Christianity in the Gianni Vattimo's weak thought

Vicente de Paula Ferreira¹
pe.vicente@veloxmail.com.br

Resumo

O niilismo, na perspectiva do pensamento enfraquecido de Gianni Vattimo, é expressão do cristianismo secularizado. Partindo da releitura dos filósofos Nietzsche e Heidegger, o autor mostra como o ocidente é terra do declínio do ser. Depois da longa trajetória metafísica, a morte de Deus põe fim à crença nos valores absolutos e abre o tempo da pós-modernidade, época da pluralidade e propícia para o florescimento da hermenêutica que tem sua proveniência na tradição cristã. A idade da interpretação é possível porque, em suas raízes, encontra-se a inaugural experiência da *kênosis* de Jesus: esvaziamento do divino que, na encarnação, aceita os limites do secular para transformar-se em amor sempre relacional. Com isso, a *caritas*, principal mandamento deixado pelo Cristo, é interpelação inesgotável e critério para qualquer vivência atual do cristianismo. *Caritas* que é muito mais o aspecto vivencial da experiência cristã do que uma verdade absoluta e estática. De fato, para o autor a noção de ser como evento só é possível numa cultura que tem suas bases em conceitos cristãos como *caritas* e *kênosis*.

Palavras-chave: Pensamento enfraquecido; Nilismo; Cristianismo.

Abstract

Nihilism, in view of Gianni Vattimo's weak thought, is a secularized expression of Christianity. Based upon a reinterpretation of Nietzsche's and Heidegger's master works, Vattimo describes how the West became the land of the demise of being. After the long metaphysical journey, the death of God puts an end to the belief in absolute values and inaugurates postmodernity, time of plurality and conducive to the flourishing of hermeneutics which finds its origin in the Christian tradition. The age of interpretation is possible because, in its roots, there is the inaugural experience of *kenosis* of Jesus: emptying of the divine that, in the incarnation, accepts the limits of the secular in order to turn it into an ever relational love. Accordingly, *caritas*, the only commandment left by Christ, has become the inexhaustible claim and the formal criteria for any current experience of Christianity. *Caritas* is much more experiential aspect of Christian than a static and absolute truth. In fact, for the author the notion of being as an event can only be thought in a culture that has its basis in Christian concepts such as *caritas* and *kênosis*.

Keywords: Weak thought; Nihilism; Christianity.

¹ Graduado em Filosofia e Teologia, Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora e doutorando no mesmo Programa.

Considerações iniciais

Gianni Vattimo, nascido em 1936, em Turim, é conhecido como um dos fundadores do pensamento enfraquecido, *pensiero debole*, por contrapor-se à razão forte da metafísica clássica. Para tal corrente, a época pós-moderna é caracterizada pela hermenêutica como caminho de interpretação porque já não é possível, filosoficamente, encontrar um fundamento único e absoluto da realidade. O autor tem um itinerário de grande vivacidade produtiva o que o coloca como um dos importantes pensadores de um tempo que ele mesmo propõe como pós-modernidade. Seu pensamento enfraquecido, no entanto, em nada se assemelha a uma filosofia descompromissada e sem contribuições para a atualidade. Ao contrário, possui um engajamento político e social.

Por ter uma formação católica e se entender como portador de uma herança cristã, ele também debate vários temas relevantes para o cristianismo nos tempos atuais. Para ele, é o niilismo como fim das ideias absolutas, dos fundamentos imutáveis, que traz consigo os acenos de uma plausibilidade da fé cristã em seus contornos de vivência da caridade. Na verdade, é a própria experiência da *kênosis* de Jesus que inaugura um tempo no qual o próprio absoluto de Deus se torna encarnado e esvaziado, destruindo toda e qualquer importância de continuar pensando a divindade em suas feições de poder e de majestade.

É imerso nessa tradição que seu pensamento enfraquecido surge como proposta de superação, ainda que relativa, da metafísica. Tal superação marca a passagem do moderno ao pós-moderno como lugar da pluralidade e não mais da unidade de um pensamento organizado a partir de fundamentos únicos e absolutos. É justamente nessa passagem que acontece a proposta de um niilismo como cume de uma tradição cristã baseada na *caritas*. Por isso mesmo, não se trata mais de colocar os dois elementos como antagônicos já que, para Vattimo, estão estritamente ligados como partes de uma única história. É precisamente dessa ligação íntima entre cristianismo e niilismo que se ocupa o presente artigo.

Pensamento enfraquecido

Qual seria a particularidade ou a característica principal da herança filosófica vattimiana? O *pensiero debole*, traduzido como pensamento enfraquecido, é uma hermenêutica niilista que tem como principal proposta construir um caminho para o pensamento que não mais esteja preso à necessidade de uma fundação única. Diante da crise do fundamento, que surge principalmente nas obras de Nietzsche e Heidegger, o pensamento enfraquecido renuncia à busca de uma nova fundação e passa a trabalhar sem a claridade

máxima da tradição, mas com uma meia luz, *Lichtung*, metáfora heideggeriana que sugere a clareira irrompida pelo sol no meio de uma floresta.

Para Vattimo, o pensamento enfraquecido é a consciência paradoxal de uma razão que não pode se arvorar como forte e detentora absoluta da verdade e que, por outro lado, continua viva em sua tarefa de pensar o ser. Ela, a razão, não pode esquecer-se das sombras do pensamento por se imaginar transparente pela luminosidade de uma tradição cartesiana. Desvestida de suas pretensões metafísicas, o que lhe resta? O sereno caminho de colher ainda aquelas mensagens, aqueles vestígios do ser que permanecem num constante envio alçado pelo próprio ser. Assim, usando a metáfora do monumento, o autor incentiva o pensador a receber dele não mais uma verdade plena, mas seus rastros deixados como sinais e acenos. Não sendo uma nova filosofia, nota-se que:

Pensiero debole é então certamente uma metáfora, e em certo modo um paradoxo. Não poderá de qualquer forma se tornar a sigla de qualquer nova filosofia. É um modo de dizer provisório, talvez também contraditório. Mas assinala um percurso, indica um sentido de caminhada: é uma via que se bifurca em relação à razão-domínio de qualquer forma retraduzida e camuflada, da qual, todavia, sabemos que uma despedida definitiva é tanto quanto impossível. Uma via que deverá continuar a bifurcar-se (Vattimo, 1983, p. 10).

As questões da morte de Deus e do fim da metafísica acenam para o enfraquecimento do Deus como fundamento e também para a perda da pretensão de se possuir a verdade em sua totalidade, como parece ser a busca de toda a história da metafísica. Isso, de fato, marca o que pode ser chamado de passagem do moderno para o pós-moderno. Assim ressalta Vattimo: “seja como for, é daqui que parte o meu discurso, que se inspira nas idéias de Nietzsche e Heidegger sobre o niilismo como ponto de chegada da modernidade, e sobre a consequente tarefa, para o pensamento, de tomar consciência do fim da metafísica” (Vattimo, 1999, p. 19).

Pós-modernidade e a hermenêutica niilista.

O que caracteriza a filosofia dos sec. XIX e XX, segundo Vattimo, é precisamente não aceitar as estruturas fixas do ser. Heidegger cunhou o termo evento (*Ereignis*) para designar que o ser só acontece no historicizar-se. Desse modo, somente é possível falar ‘pós’ quando não se busca uma etapa ainda mais avançada do que as anteriores, na tentativa de uma compreensão total do ser. O fim da história significa colher uma noção de história que se dissolve e nunca como sucessão sempre mais aperfeiçoada de um ideal, conforme buscou a metafísica. De acordo com Vattimo, Nietzsche e Heidegger pensam a partir de uma distorção (*Verwindung*) ou impossibilidade de uma história unitária, já que vencedores não contam a mesma história dos vencidos. Em outras palavras, trata-se da impossibilidade de uma história

universal, de um progresso concebido como superação de etapas cada vez mais perfeitas ou de uma verdade absoluta capaz de controlar a realidade em seu todo.

A hermenêutica niilista, desse modo, mostra que a superação da modernidade só pode ser entendida enquanto *Verwindung*, uma superação nunca total. Tal termo deve ser lido sempre em contraste com *Ueberwindung* que significa ultrapassamento, um deixar para trás. É a diferença dos dois termos que possibilita descobrir o “pós” do pós-moderno, em termos de filosofia vattimiana, sempre como superação condicionada. A concepção da busca da verdade do ser como constante superação mudou de maneira radical com as construções da filosofia hermenêutica do sec. XIX e XX. Para Vattimo, a sociedade dos meios de comunicação, paradigmaticamente, torna-se fundamental para a aceleração do fim do imperialismo e do colonialismo que buscavam um progresso contínuo. O que se dá nesse horizonte é a passagem de uma sociedade organizada e detentora do domínio de vários saberes para uma sociedade cada vez mais caótica na qual o que se abre é uma gama imensa de informações sobre pequenas ou grandes verdades. O que o autor defende é o seguinte:

a) que no nascimento de uma sociedade posmoderna desempenham um papel determinante os meios de comunicação; b) que esses meios caracterizam a esta sociedade não como sociedade mais transparente, mais consciente de si, mais ilustrada, senão como uma sociedade mais complexa, inclusive caótica, e, por último, c) que precisamente neste relativo ‘caos’ residem nossas esperanças de emancipação (Vattimo, 2003, p. 12).

Com isso, o diversificar das informações provocam a própria noção de real. O que é a realidade? É possível alcançar uma realidade em si mesma? A realidade passa a ser regida pelo princípio de oscilação, de mudanças constantes tornando frágil o próprio conceito de realidade. Já não se torna possível conhecer a realidade para adequar-se a ela. Nietzsche já propunha que o além-do-homem seria aquele capaz de continuar sonhando, sabendo que está sonhando. É a busca de uma liberdade problemática porque será sempre reconhecedora de seus limites, de sua sujeição a um mundo de afetos, interesses e conhecimentos determinados. Isso significa não cair na neurose de uma volta a um passado que não existe mais e nem na banalização dos valores, já que deles não se pode ter uma consciência plena. Uma liberdade situada significa sair da noção de ser como estabilidade e compreender que a realidade é constituída de diálogo, consensos, oscilações. Nessas oscilações mora a chance de um modo diferente de ser, até mesmo mais humano.

O ponto de partida, numa época em que Vattimo denomina como pós-moderna, é a proposta de superação da metafísica, ou do fim da mesma, somente enquanto enfraquecimento

de distinções como aquelas platônicas entre eterno e temporal. O que se sobressai a partir do ocaso objetivista e do fim do fechamento subjetivista, é perceber a objetividade como questão de consenso lingüístico e focar a subjetividade como encontros intersubjetivos. Neste ponto, não há mais preocupação de estar em contato com alguma coisa que exista independentemente do sujeito. Isso porque o conhecimento é sempre composto por linguagem e história e não pode ter acesso ao todo da realidade. O problema da verdade, por isso, que antes era possível de ser resolvido pelo seu encontro no mundo externo ou nas malhas internas da subjetividade, passa a ser encarado apenas possível se a interpretação for levada em conta. Quando uma ciência ou religião impõe alguma coisa como verdade objetiva, a filosofia tem a obrigação de proceder na direção de uma hermenêutica niilista: “mostrar que verdade nunca é objetividade, mas sempre diálogo interpessoal que toma efeito na partilha da linguagem. Partilhar a linguagem não significa partilhar objetividade, mas concordância em algumas preferências” (Zabala, 2006, p. 30).

O ponto fulcral da hermenêutica niilista certamente está centrado na afirmação de Nietzsche de que na verdade não existem fatos, mas interpretações. Tal afirmativa leva à conclusão de que inclusive essa colocação é uma interpretação. É nesse horizonte que a hermenêutica se insere como defensora da historicidade da existência num tempo pós-metafísico, niilista.

O niilismo: a busca de um fundamento hermenêutico

A leitura que Vattimo faz do niilismo está ligada ao pensamento filosófico de Nietzsche e Heidegger e a uma tradição marcada por concepções cristãs como encarnação, *kênosis* e *caritas*. Por isso, busca-se perceber como esses autores são entendidos como fundamentais para o pensamento moderno, sobretudo naquilo que diz respeito à questão do contexto do niilismo contemporâneo. Sabendo que os dois eixos “morte de Deus” e “fim da metafísica” permanecem como refrão ao longo da literatura vattimiana, é possível sempre encontrar, em sua obra, passagens que estão referidas a Nietzsche e a Heidegger.

O que emerge da leitura destes autores é o niilismo como destino e não como problema historiográfico, como se nenhuma história tivesse sentido pela sua relatividade. Dizer que o tempo pós-moderno se caracteriza como tempo do niilismo consumado, significa dizer que do ser como tal não existe mais nada, entretanto somente porque se tornou objeto de representações metafísicas plenas. É preciso, então, pensar o ser não mais a partir do ente, conforme escreveu Heidegger. Isso corresponde a voltar-se para um pensamento sem fundamento. O termo destino seria o assumir o domínio da terra, mas sem nenhuma presunção

arrogante de um pensamento ilimitado, possuidor da verdade. Corresponderia ao abandono da estrutura metafísica passando para um mergulho na “multiplicidade das aparências libertas da condenação platônica, que faz delas cópias de um original transcendente, o qual imediatamente impõe hierarquias e ascetes” (Vattimo, 1988, p.10).

Aqui se abre, portanto, o horizonte da ontologia hermenêutica, para a qual é essencial a noção de círculo hermenêutico. Ele compreende, o círculo, principalmente com Heidegger, o reconhecimento positivo de que é uma possibilidade aberta que desponta no horizonte do conhecimento do ser-aí. É nele que se dá não mais a separação entre sujeito e objeto, mas uma pertença entre ambos. Porque toda e qualquer interpretação carrega consigo uma pré-compreensão. Em outras palavras, o conhecido mora na casa do cognoscente enquanto hóspede de um mesmo mundo que o conhecido co-determina.

Com isso a questão do conhecimento muda de perspectiva porque passa a incluir a noção de historicidade do conhecimento com suas interpretações que por sua vez não são imparciais. Interpretações que interferem, inclusive, na revitalização constante do próprio sentido de história. O que permanece de fundo é uma abertura originária a qual pertencem o conhecedor e o conhecido. Ponto caro nesse novo percurso é a linguagem que passa a ser central na própria noção de história. História é história da linguagem. Nietzsche diz da doença histórica referindo-se ao objetivismo historiográfico. Em que ponto a ontologia hermenêutica ultrapassaria tal doença? Ultrapassa no sentido de que todo conhecimento é uma interpretação, é hermenêutico. A hermenêutica contempla, assim, a interpretação em seu infinito sentido, compreendendo como infinito também suas dimensões de finitude, errância do processo interpretativo.

Para Vattimo, tal construção filosófica é possível na cultura ocidental fortemente marcada pela herança cristã. Sendo assim, a discussão entre cristianismo e niilismo que poderia indicar a colocação de problemas opostos ou separados perde seu sentido. O cristianismo é visto, de fato, como o elemento niilista de uma pós-modernidade secularizada. Isto porque o processo kenótico se destaca como eixo importante de toda a revelação cristã. Desse modo, “para Vattimo, e aqui está muito de sua originalidade, o elemento niilista operante no interior da metafísica é o cristianismo” (Pires, 2007, p. 185). E por isso mesmo é o cristianismo que traz consigo os pontos de superação da metafísica pelo menos enquanto ela pretende alcançar uma verdade absoluta e única.

Niilismo e a condição de um retorno ao cristianismo: crer como possibilidade

A ordem objetiva do mundo não se sustentou frente à crítica filosófica a uma pretensão e leitura realística do mesmo, como se a mente refletisse as coisas fielmente como um espelho. Com a crise da modernidade, provocada pelos impactos do niilismo sobre as construções metafísicas, houve, mesmo assim, uma permanência do cristianismo. Vattimo esclarece que tal presença não se trata de um retorno, como se as raízes cristãs tivessem morrido para depois nascerem outras. Como ele próprio afirma, o que permanece é uma espécie de vestígio. De outro modo, o autor esclarece o que ele entende por tal retorno:

É o restabelecimento presente de algo que acreditávamos ter esquecido definitivamente, a reativação de um vestígio adormecido, a reabertura de uma ferida, a reaparição de algo que fora removido, a revelação de que o que pensávamos ter sido uma *Überwindung* (superação, aquisição de veracidade e conseqüente descarte) ainda é somente uma *Verwindung*, uma longa convalescença que tem de tornar a enfrentar o vestígio indelével de sua doença (Vattimo, 2004, p. 91).

Sendo fiel à sua vocação de voltar às raízes, a filosofia deve encontrar, pois, as motivações mais profundas do que se considera como retorno do religioso. De alguma forma, a postura defensiva e fundamentalista, com a retomada de uma religiosidade metafísica, não responderia de forma lúcida aos problemas e questões colocadas pelo niilismo. Certamente não será pelas vias de um renovado fundamentalismo que a cultura contemporânea dará conta de sua condição plural na qual a verdade se torna fragmento disseminado numa diversidade de propostas. Uma reflexão crítica do retorno avançaria, segundo Vattimo, por outro caminho.

Neste ponto, faz-se necessário voltar-se mais uma vez a Heidegger e Nietzsche. Em Heidegger, retornar a Deus, depois de sua morte anunciada por Nietzsche, para suprir a questão do fundamento, seria permanecer de forma acrítica na metafísica. Lembrando que para o mesmo não é possível uma saída perfeita e definitiva da metafísica (uma *Überwindung*), mas apenas um salto para o seu interior através de uma mirada ao ser como evento (*Verwindung*). Não se trata de uma postura reativa como se houvesse uma opção melhor que a outra. É claro que na consciência comum poderá sempre haver um comportamento reativo, um saudosismo por algum fundamento inabalável. Com o advento da hermenêutica niilista o que está em jogo é muito mais o ser em sua paradoxal postura de manifestação e retraimento, diante de um ente privilegiado, o humano que é finito e ao mesmo tempo morada do mesmo ser.

É daí que procede, na filosofia de Vattimo, a leitura do retorno ou o reencontro do religioso em tempos de superação da metafísica. Com isso não se retorna a uma questão

lateral, mas central que é a possibilidade do próprio retorno. A saber, os apelos do Deus trinitário despontam em direção a uma verdade sobre Deus como convite a ler os sinais dos tempos no decorrer do cotidiano ou no transcorrer da própria história que é sempre dinâmica.

Nesse sentido, para Vattimo a noção de Deus totalmente Outro, ou a própria concepção de outro em Levinas, ainda guardam uma dimensão aprisionada à metafísica. Crítica, por isso, também a noção de criaturidade demonstrada ainda no nível natural da religiosidade. Ou seja, todo o esforço feito seria ainda a tentativa de guardar a busca por uma estrutura estável e fixa do próprio ser - Deus - como se ele existisse em alguma instância separada dos entes humanos e apenas fosse acessível num encontro de uma verdade auto-sustentável. De outro modo:

Aquela eventualidade radical do ser que o pensamento pós-metafísico encontra no seu esforço de se libertar da constrição do simplesmente presente não compreensível apenas à luz da criaturalidade que permanece no horizonte de uma religiosidade natural, estrutural, elaborada em termos existencialistas. Para a filosofia, uma concepção de si própria como leitura dos sinais dos tempos, sem que isso se reduza a puro registro passivo do curso dos tempos, só parece ser possível à luz da doutrina cristã da encarnação do Filho de Deus (Vattimo, 2004, p. 105).

A única eventualidade possível para uma libertação do engessamento metafísico é, para Vattimo, a doutrina da encarnação do Filho de Deus. Ela é constitutiva do ser que se dá. Pode, por isso, ganhar o lugar de cerne da questão da eventualidade. Não se trata de um mito, ou resultado de uma busca racional. Deus se encarna e a história passa a ser lugar de redenção, superando o sentido metafísico de história como crescente de fases e etapas. Com isso, ela não se perde num acúmulo desordenado de acontecimentos, mas torna-se dinâmica e desestrutura o ser visto como verdade fixa.

Assim como o niilismo encontra-se no alvorecer de um tempo de descontinuidade metafísica, ou da renúncia de se conceber o ser como presença peremptória, o evento da encarnação é a abertura do horizonte hermenêutico concebido como escuta e interpretação dos vários anúncios que chegam como transmissão. Isso implica, inevitavelmente, um mergulho nos aspectos do cotidiano e conceber o niilismo, já não mais como metafísica do nada, ou que o ser não é e o não ser é; mas como processo contínuo de enfraquecimento, de redução das estruturas fixas em nome de uma hermenêutica cotidiana.

Abordar, pois, a temática do cristianismo depois da declaração da morte de Deus em Nietzsche e do fim da metafísica em Heidegger, não significa recuperar qualquer postura acrítica em relação ao mesmo. É a obra *Credere di credere*², em que Vattimo fala de seu

² Nesta obra, o autor afirma que foi a partir de Heidegger e Nietzsche que ele próprio retornou ao cristianismo. Mas agora na forma de 'creio que creio', como disse a um velho professor, Gustavo Bontadini, aristotélico

retorno ao fato cristão, que indica melhor a recuperação dos elementos cristãos no interior da cultura contemporânea, propondo também não ser mais possível recusar sua presença constante no desenrolar das principais discussões filosóficas atuais. Qual seria, pois, a visibilidade do cristianismo num contexto niilista? Para falar do renascimento dos elementos cristãos, é necessário reconhecer uma série de transformações no campo do pensamento. Se antes, com o iluminismo e o positivismo, a religião era considerada como resíduo a ser extinto, hoje tal pretensão perde sua plausibilidade. O fato é que com o fim da modernidade aconteceu também o fim das principais teorias que pensavam ter liquidado a religião. O pensamento seguinte, neste sentido, é esclarecedor:

Hoje não existem mais plausíveis razões filosóficas fortes para ser ateu, ou ainda para refutar a religião. O racionalismo ateu tinha tomado, de fato, na modernidade, duas formas: a crença na verdade exclusiva da ciência experimental da natureza, e a fé no desenvolvimento da história rumo a uma condição de plena emancipação do homem de toda autoridade transcendente (Vattimo, 1999, p. 18).

O cristianismo que ressurgiu, nesse sentido, é aquele que aparece como enfraquecimento, no movimento da encarnação, que na verdade é o ponto de partida para o processo que tem sua expressão culminante, para Vattimo, na secularização. De alguma forma, em Jesus, Deus mesmo se mostra não mais como o absoluto, mas esvaziado e semelhante às fragilidades humanas. É no sentido de superação da violência metafísica que Heidegger surge como autor fundamental, por sua postura crítica em relação à objetivação metafísica. O discurso heideggeriano sobre o ser como evento possibilita um re-encontro de Vattimo com o cristianismo principalmente tendo a caridade como central. Ele afirma: “a herança cristã que retorna no pensamento fraco é também e, sobretudo, herança do preceito cristão da caridade e de sua recusa da violência” (Vattimo, 1999, p. 37).

Assim, a presença forte da religião num contexto niilista se dá exatamente pela dissolução da metafísica que já não consegue se manter em suas asserções sobre o ser como se esse fosse um conjunto de estruturas fixas e imutáveis. O que se tem é uma realidade paradoxal: é a morte de Deus que torna possível uma presença atualizada do cristianismo, pois o que de fato morre é a pretensão de dominar e manipular o próprio Deus. Dessa morte nascem a liberdade e a criatividade de novas expressões do próprio cristianismo. Por que tais novas expressões são cristãs? Porque a herança da qual o ocidente se nutre é baseada em

tomista, quando perguntou-lhe ao telefone, numa parada (beira de estrada) se ainda acreditava em Deus. Isso significa já não mais uma fé baseada em dogmas metafísicos, mas num crer que é também povoado pelas incertezas.

valores como caridade, fraternidade, recusa da violência, pontos que também estão fundamentados na *kénosis* de Deus.

É esse aspecto que visualiza a vinculação do cristianismo como história da secularização. Para Vattimo, o enfraquecimento do ser é a secularização e aí encontra-se a possibilidade da atualização do próprio cristianismo. E acrescenta:

Reconhecido o seu 'parentesco' com a mensagem bíblica da história da salvação e da encarnação de Deus, o enfraquecimento que a filosofia detecta como traço característico da história do ser se chama secularização, entendida no seu sentido mais amplo, que abrange todas as formas de dissolução do sacro que caracterizam o processo de civilização moderno. Se, contudo, a secularização é o modo pelo qual se atua o enfraquecimento do ser, ou seja, a *kénosis* de Deus, que é o cerne da história da salvação, ela não deverá ser mais pensada como fenômeno de abandono da religião, e sim como atuação, ainda que paradoxal, da sua íntima vocação (Vattimo, 2004, p.35).

***Kénosis*: o enfraquecimento de Deus**

De alguma forma há uma identificação entre ocidente e cristianismo. O ocidente é, para Vattimo, terra do enfraquecimento do ser ou do niilismo consumado, que, segundo ele, participam da vocação primordial do cristianismo. No entanto, para um filósofo não seria provincianismo ficar preso a uma questão estritamente ocidental? Além disso, qual seria a contribuição de tal reflexão para a interpretação de religiões diferentes? Seria possível também a secularização do mundo islâmico, por exemplo? Sendo a resposta afirmativa, não aconteceria uma tentativa de cristianização também destes povos? Mesmo permanecendo no seio de um contexto secularizado cristão, não são os movimentos fundamentalistas aqueles que mais crescem?

Tais questões parecem participar de alguns limites da presente reflexão, porém é possível notar também pistas ou saídas para as mesmas. O que se propõe para além de qualquer fundamentalismo, segundo Vattimo, é a *kénosis* como protagonista de uma história salvífica pelas vias do esvaziamento e não pela imposição de uma verdade que simplesmente deva ser seguida. O paradigma kenótico, vivido nas palavras e ações do Cristo, fazem parte de um caminho de entrega do mistério do próprio Deus. Partindo desse princípio, o autor justifica sua reflexão hermenêutica que tem no pensamento enfraquecido sua expressiva configuração filosófica.

Então, se o Deus da metafísica é violento, o Deus cristão supera a metafísica porque supera a violência. Mesmo que existam elementos de violência no sacrifício cristão, ele não é violento e, mais ainda, é luta imperativa contra a violência porque é ação amorosa salvadora. É o cristianismo que rompe com essa ligação entre sagrado e violência, porque a *kénosis*

revela em si apenas o gesto de um amor salvífico. O sacrifício de Jesus é recolocado, portanto, numa outra perspectiva, chamada, por Vattimo, de salvação na *kênosis*.

Qual seria o critério para avaliar valores e assim não cair no risco de um relativismo simplesmente interpretativo ou num vazio sentimento subjetivo? Para Vattimo, o único critério é a caridade que tem como suporte a consciência de que toda cultura, religião, ciência ou a própria relação do humano com o mundo guardam consigo paradigmas diferentes, referenciais históricos com seus valores e contingências. Falar de caridade é exatamente ter em conta a advertência da antropologia cultural sobre as multiplicidades das vivências culturais. Pluralidade que implica a todos como intérpretes de vozes que não são uníssonas. E a *caritas* é consequência mais imediata do processo da *kênosis* de Jesus porque nele há muito mais do que uma verdade revelada e que deve ser apreendida pelo pensamento. A entrega crucial do Cristo vai além ao deixar como mandamento fundamental o amor, como fator de vivência e de *práxis*. Nesta encontra-se uma linguagem comum no diálogo com a comunidade de intérpretes, lugar de menos dogmas e mais caridade.

Usando uma linguagem mais explicitamente espiritual, poderíamos dizer que o único limite para a secularização é o amor, a possibilidade de comunicação com uma comunidade de intérpretes. Não seria um paradoxo afirmarmos que a história da hermenêutica moderna, da qual foi um momento extremamente relevante a reforma protestante, é igualmente um longo caminho de redescoberta da Igreja. [...] igreja como comunidade de 'referência' para a validade e continuidade da história da interpretação [...] (Vattimo, 2004, p. 87).

É desse cenário que nasce a proposta vattimiana do pensamento enfraquecido como horizonte hermenêutico que vai gerar uma nova forma de encarar a contemporaneidade, inclusive quando ela é convocada a pensar também em sua herança cristã. Mesmo com todos os impasses próprios de um contexto niilista, o autor aventura-se em sua proposta de que para ser fiel ao novo tempo, o pensamento pós-moderno não pode postular a morte de Deus ou da religião como algo absoluto. Se isso acontecesse, seria voltar-se para a mesma lógica assertiva da metafísica, por isso mesmo, desconhecer o irreversível processo do cristianismo, como prática da caridade, que é fator constitutivo do ocidente e, no ângulo mais filosófico, recusar as inúmeras questões trazidas pelo niilismo em confronto com um arcabouço metafísico das verdades exclusivamente objetivas.

Caridade: o limite da verdade

O pensamento enfraquecido estaria relacionado muito mais com uma fé vivida como caridade ou amor do que com a excessiva busca de asserções sobre Deus. Ao invés do apego

às essências, o que se propõe é uma cultura compartilhada, fundada nas bases de convicções dialogais. Fazendo referência à revelação bíblica, Vattimo afirma:

A verdade que, segundo Jesus, nos tornará livres não é a verdade objetiva das ciências e nem mesmo a verdade da teologia: assim como não é um livro de cosmologia, a Bíblia também não é um manual de antropologia ou de teologia. A revelação escritural não é feita para nos fazer saber como somos, como Deus é, quais são as naturezas das coisas ou as leis da geometria – e para salvar-nos, assim, por meio do conhecimento da verdade. A única verdade que as Escrituras nos revelam, aquela que não pode, no curso do tempo, sofrer nenhuma desmistificação – visto que não é um enunciado experimental, lógico, metafísico, mas sim um apelo prático – é a verdade do amor, da *caritas* (Zabala, 2006, p. 71).

A *caritas* expressa, assim, a radicalidade do enfraquecimento do ser. Porque há um movimento de Deus que se rebaixa até as condições mais simples ou até as potências menos dignas do mundo. Acolher a mistura de Deus nas condições humanas é reforçar muito mais a caridade criativa do que a objetividade científica, teológica ou filosófica. E valorizar tais elementos cristãos é encontrar também sua estreita ligação com aqueles pontos da hermenêutica filosófica contemporânea, de maneira particular os da tradição heideggeriana como é o caso da concepção do ser como evento.

Para uma filosofia que trabalha em prol das desmistificações, valerá também a certeza de que deve colocar a si mesma no jogo dos debates críticos para que não se torne igualmente uma metanarrativa. O retorno, pois, da religião, não tem nada em comum com o dogmatismo ou o fundamentalismo e, por outro lado, com a indiferença filosófica. É nesse sentido que é introduzido o tema da laicidade do cristianismo. A experiência cristã é, em suas raízes kenóticas, uma experiência de laicização. Ou seja, se o próprio Jesus se encarnou na realidade humana, não há motivo para pensar num cristianismo reduzido ao interior de suas próprias normas, risco que parece correr. É preciso, pois, afirmar a hospitalidade como fator que nasce da *caritas*.

O princípio da hospitalidade seria, dessa forma, um elemento importante para a vivência da *caritas*. A caridade ou a hospitalidade, que tem como face mais visível a acolhida do outro, toca o coração ou as fontes mais profundas da experiência cristã. E foi na *kênosis* de Jesus que tal evento se fez paradigmático para todo o seguimento posterior. E isso significa a própria identidade do cristão no diálogo interreligioso, por exemplo. É preciso que o cristianismo resgate sempre seu preceito maior do amor que leva o cristão a dar ouvidos e palavra ao hóspede. O que dá, pois, identidade ao cristão é precisamente a vivência do amor

na hospitalidade e não a obediência cega a normas meramente disciplinares, na compreensão de Vattimo.

Conclusão

A partir do pensamento enfraquecido, uma forma de pensar não mais alicerçada numa razão forte e sim num pensamento que respeita seus limites, chegou-se a conclusões importantes de como esse movimento vattimiano têm a pretensão de ser fiel à superação da metafísica, através da tradição hermenêutica. Metafísica que marcou, para o autor, todo o pensamento moderno tão desejoso de chegar a um fundamento último e absoluto de toda realidade e que é uma forma também de conceber o ser e, portanto, só pode ser ultrapassada como *Verwindung*. Uma superação capaz de colher os aspectos positivos daquilo que é superado.

A partir de Heidegger e Nietzsche, Vattimo mostrou, ainda, como seu caminho pretende voltar ao ser ou ao cristianismo num tempo da “Morte de Deus” e do “Fim da Metafísica”. E para tal volta, considerou esses dois autores como fundamentais, principalmente porque ambos liberam o ser, e de alguma forma Deus, do engessamento racionalista imposto pela herança metafísica. De maneira particular, a partir de Heidegger, Vattimo retoma o conceito de ser como evento mostrando que tal concepção é possível numa cultura fortemente marcada pelo cristianismo.

Paradoxalmente, então, a morte de Deus torna-se condição de possibilidade para retomar melhor a questão de Deus porque o que morre é a rigidez das representações sobre Deus, o que Heidegger, de outra forma, chama de confusão entre ser e ente. Tudo isso deve ser considerado num contexto plural e não mais unitário como é o tempo que ele mesmo chama de pós-modernidade. Um tempo que possui os meios de comunicação social como reflexo mais intenso da explosão dos variados sentidos e expressões da vida. Inserido nesse cenário, o homem pós-moderno será aquele capaz de conviver com esse pluralismo de forma dialogal e não mais excludente ou autoritária. Exatamente por ser diversa a cultura atual, não se pode mais banir a religião porque fazer isso seria voltar a uma postura metafísica. De alguma forma, dizer que Deus não existe seria permanecer na mesma postura rígida que levou a metafísica a afirmá-Lo de forma tão veemente.

Qual religião Vattimo retoma? O cristianismo, justificando que de fato não se trata de um retorno de algo que se foi, mas do reconhecimento de que o ocidente é gerado por conteúdos como encarnação, *kênosis* e *caritas* que são próprios da tradição cristã. É por ser uma religião que guarda em seu íntimo uma profunda capacidade de se tornar atual, através da

caritas, que o cristianismo vive a secularização não como adversária porque ela é intrínseca a si mesmo já que ela é possível, segundo Vattimo, numa religião que crê no rebaixamento do próprio Deus. De alguma forma é aí que Vattimo chega à sua proposta de que o niilismo é elemento constitutivo do próprio cristianismo. Ou seja, o cristianismo levado ao seu fim último chega ao niilismo não como crença no nada, mas como abertura ao ser concebido como presença e ao mesmo tempo como ser que se entrega de forma criativa e permanente, portanto como mistério que guarda uma reserva de sentido, ser como evento.

Referências bibliográficas

PIRES, Frederico Pieper. *A vocação niilista da hermenêutica, Gianni Vattimo e Religião*. Tese apresentada para obtenção de grau de doutor. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

VATTIMO, Gianni. *As aventuras da diferença*. Lisboa: edições 70, 1988.

_____. *Credere di Credere*. Milano: Garzanti, 1999.

_____. *Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso*. São Paulo: Record, 2004.

_____. *Dialettica, differenza, pensiero debole*. In: VATTIMO, Gianni; ROVATTI, Pier Aldo. *Il Pensiero debole*. Milano: Feltrinelli, 1983.

_____. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *O vestígio do vestígio*. In: DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (Org.). *A religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 91-107.

_____. *¿Posmodernidad: una sociedad transparente?* In.: VATTIMO, Gianni y otros. *En torno a la posmodernidad*. 2ª ed. Barcelona: Antropos Editorial, 2003, p. 9-18.

ZABALA, Santiago (org.); RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni. *O futuro da religião. Solidariedade, caridade e ironia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.